
A INVENÇÃO DA AMAZÔNIA A PARTIR DO ESPAÇO VIVIDO E BEM VIVER NA CIDADE

THE INVENTION OF THE AMAZON FROM THE SPACE
LIVED AND WELL LIVING IN THE CITY

LA INVENCION DE LA AMAZONIA DESDE EL ESPACIO
VIVIO Y VIVO BIEN EN LA CIUDAD

Jefferson Henrique Cidreira¹

Josué da Costa Silva²

Nicolas Floriani³

Charlot Jn Charles⁴

RESUMO: O estudo teve como tema um construto sobre a Amazônia, ou seja, sua invenção. Contudo, essa figuração será manifestada de dentro, pelo ser amazônico que, desse modo, vem de embate as outras visões construídas pelo outro, de outra localidade. Para tal criação, serão usados os estudos fenomenológicos de filósofos e geógrafos, como Martin Heidegger, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, Acosta e outros, que nos servirão como pavimentação para caminharmos rumo a uma análise da relação imbricada entre o ser e o terrestre, ou seja, a existencialidade desse sujeito que se dá em um espaço circundante, a relação sociedade-natureza na cidade. Aqui, ecoará outras vozes, resistências e embates aos outros construtos e seus efeitos de verdade, pois, para a geografia humana, essa finalidade de veracidade como realidade só se emite, se pronuncia por um espaço vivido e não meramente observador.

Palavras-chave: Amazônia. Bem viver. Cidade. Espaço. Ser.

ABSTRACT: The theme of the study had a construct about the Amazon, that is, its invention. However, this figuration will be manifested from within, by the amazonian being, who, in this way, comes up against other visions constructed by the other, from another location. For such creation, the phenomenological studies of philosophers and geographers, such as Martin Heidegger, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, Acosta and others, will be used as paving the way for an analysis of the intertwined relationship between being and the terrestrial, that is, the existentiality of this subject that takes place in a surrounding space, the society-nature relationship in the city. Here, other voices, resistances and clashes with other constructs and

1 Doutor em Geografia pela UNIR e professor da Faculdade Centro Integrado de Pesquisa e Educação da Amazônia-CIPEAMA. E-mail: jeffersonhenriquecidreira@gmail.com.

2 Doutor em Geografia pela USP e Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR e Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas – GepCultura. E-mail: jcosta1709@gmail.com.

3 Doutor em Geografia pela UFPR e professor da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. E-mail: nicolas@uepg.br.

4 Doutorando em Geografia pela UNIR, Pesquisador Sênior do Instituto Maria João e Aleixo - IMJA com MIDEQ e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Modos de Vidas e Culturas Amazônicas – GepCultura. E-mail: charlotcj03@gmail.com

Artigo recebido em outubro de 2020 e aceito para publicação em junho de 2021.

their real effects will echo, because, for human geography, this purpose of veracity as reality is only emitted, pronounced through a lived space and not merely an observer.

Keywords: Amazon. Well living. City. Space. Being.

RESUMEN: El estudio tuvo como tema un constructo sobre la Amazonía, es decir, su invención. Sin embargo, esta figuración se manifestará desde adentro, por el ser amazónico, quien, de esta manera, se enfrenta a otras visiones construidas por el otro, desde otro lugar. Para tal creación, los estudios fenomenológicos de filósofos y geógrafos, como Martin Heidegger, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan, Acosta y otros, se utilizarán para allanar el camino para un análisis de la relación entrelazada entre el ser y lo terrestre, es decir, la existencialidad de este tema que tiene lugar en un espacio circundante, la relación sociedad-naturaleza en la ciudad. Aquí, otras voces, resistencias y enfrentamientos con otras construcciones y sus efectos de verdad harán eco, porque, para la geografía humana, este propósito de veracidad como realidad solo se emite, se pronuncia a través de un espacio vivido y no simplemente un observador.

Palabras clave: Amazon. Bien vivir. Ciudad. Espacio. Ser-estar.

INTRODUÇÃO

Dardel e Heidegger destacam que necessita uma relação entre a natureza e o ser, ou seja, por meio do existencialismo humano dentro de um mundo circundante, que vai além do físico, é onde o ser mantém sua vivência consigo, com a terra e com o outro, pois, segundo os autores supracitados por meio do dialogismo, “para a ciência há uma presença do terrestre que é o ser-no-mundo, e entre o homem e a terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (DARDEL, 2011, p. 6).

Besse, em uma releitura de Dardel, enfatiza que é

O mundo da existência, um mundo que agrupa certamente as dimensões do conhecimento, mas também, e, sobretudo, aquelas da ação e da afetividade. A geografia está implicada em um mundo vivido, um mundo ambiente da existência cotidiana dos homens. (BESSE, 2011 *apud* DARDEL, 2011, p. 114).

Consonante a esta ideia, o ser em imbricação com seu espaço passa a vivê-lo, a dar sentido após ser por ele também significado e, dessa maneira, abre-se um caminho para o bem viver. Esse espaço é múltiplo e o ser também.

A cidade, como espaço vivido, é permeada de heterogeneidade, de costumes, crenças, comidas típicas, linguagens, enfim, de muitas culturas. É justamente na variedade, na multiplicidade que a urbe mantém suas singularidades diante de outras, o que ocorre, com maior ênfase, em regiões diferentes.

CIDADES AMAZÔNICAS: PALCOS DO BEM VIVER

Na região amazônica é comum encontrar semelhanças entre cidades, pois cultivam uma ligação íntima entre o urbano e a mata, os rios que, para Loureiro (2001, p. 65), a cultura do “mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim com aquela é receptora das contribuições da cultura urbana. Esses mundos interpretam-se mutuamente”.

Ancorados nessa visão, observamos como os laços culturais são fortes, a exuberância da natureza, a alimentação que seduz esses dois meios coexistentes, o que conota a cidade não como um modelo único. “O extrativismo gerou cidades (fenômeno mais recorrente na Amazônia com a exploração da borracha), não só no espaço físico, produziu subjetividades muito fortes entre seus habitantes” (IBAÑEZ, 2015, p. 95), as quais geram um fascínio, um encantamento entre o ser e o seu espaço.

Além desses fortes vínculos, há, em muitas cidades amazônicas, a inserção desse “espaço ribeirinho”: o rio, o ser, a pesca, a colheita, as canoas, barcos, etc. A natureza gera fascínio no ser urbano, chama-o, ressignifica-o, e faz com que alguns se tornem resilientes e, posteriormente, constituem-se subversivos aos discursos do capital e dos outros micropoderes que dele e da sociedade se edificam perante ao homem/mulher.

A cidade passa a ganhar então espaços privilegiados de afetividade, emoções, que se tornam fugas, dispersão das teias de poder.

O homem passa a ser “ordinário”, insurgir com microrresistências, tornando a cidade não mais inimiga pela vida corriqueira do trabalho, de produzir mais, do consumismo, da ansiedade, pelo contrário, seus espaços passam a se relacionar com o ser, e vice-versa, e estes com outros, por meio da tomada de consciência, a empatia, a “aceitação” de si e do diferente, da austeridade à natureza, sem espoliá-la em nome de um desenvolvimento que não chegou a todos.

A natureza “não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos” (ACOSTA, 2016, p. 15).

Destarte, conforme asseverado, o ser só se fará reinvenção de si e da sociedade, conforme destacam César, Cincotto Júnior e Oliveira (2018, p. 45), “através dela” (a natureza).

Antes de darmos prosseguimento, é relevante esclarecemos o que seria essa passagem do homem ao ordinário, e as microrresistências.

Para tal empreendimento, utilizaremos aqui os estudos de Michel de Certeau (1994) em seu livro *Invenção do Cotidiano*, os quais se harmonizam às concepções de Foucault quanto ao pensar o poder, em conformidade com Silva e Silva (2016, p. 10), como “fluxo, um movimento, nem localizável e nem pertencente a algum grupo, tensionado, ora usado para constituir estratégias de opressão e ora requisitado nas táticas de sobrevivência”.

Logo, se apropriaremos de seu pensamento de resistência não só diante do poder da governabilidade, das amarras do capital, mas das tensões em sociedade, das invenções, dos regimes ou efeitos de poder.

Homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. (...) Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público (CERTEAU, 1994, p. 57).

Essas resistências estão correlacionadas ou são manifestadas no cotidiano do sujeito amazônico. É justamente o ser que passa a tornar-se ordinário através das invenções cotidianas, da arte do fazer. Logo, ele pode estar nas rodas de conversa, nas brincadeiras

e/ou reuniões de amigos, no encontro do barzinho, do sentar-se e contemplar o rio, no namoro na praça, no aconchego do lar, nos braços da pessoa amada numa noite lancinante; na observação atenta à natureza, entre tantas outras formas.

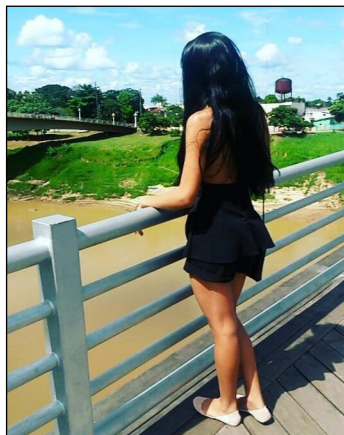
Podemos testemunhar tais fugas ou microrresistências a começar de imagens e algumas falas breves desse ser, pois a figura fala por si só, evoca pensamentos, lembranças, lugares, afetividades, emoções, etc. De igual modo, o contemplar a natureza em meio à cidade enfatiza mais ainda essa arte do fazer cotidiano em embate com o poder da sociedade do consumismo, do desempenho e das figurações e/ou invenções da Amazônia a partir do outro, de discursos “de fora”, que apenas observaram-na, mas não a viveram, pois,

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. É vivido em sua positividade, mas com as parcialidades da imaginação (BACHELARD, 1993, p. 19).

O espaço amazônico, nessa acepção, não deve ser aquele visto com indiferença, ele tem que ser imaginado enquanto vivência e não por olhares alheios de quem não o viveu ou não o vive. Dessa maneira, as imagens a seguir dão a tonalidade das experiências nesses palcos amazônicos por meio da interação ser e natureza.

Evocamos Relph (1979), para quem os espaços possuem lugares da memória, e vamos adiante, ao pensar que os lugares, as imagens, os sons, o sabor, etc, vão levando o ser para suas memórias mais antigas e felizes, acionam dispositivos que remontam ao seu lugar, à sua terra, à sua vivência, à saudade, parecendo que esses a transfiram para lá, como o bater dos calcanhares de Alice. Todavia, ao olhar, ao sentir, ao ouvir, ou, ainda, recorrendo a Tuan (1986) sobre o que ele chamará de memória do bem viver, podemos observar que ela se manifesta a partir de algumas imagens que traduzem o contato, como o afetivo.

Quando refletimos sobre a viagem que a imagem, um espaço, um som, etc, pode trazer ao ser, pensamos na figura acima. Nessa fotografia (Figura 1), datada de 2016, Andressa Silva era estudante em Rio Branco-AC, e relata brevemente o que significava olhar àquele lugar, saudades de casa, da minha família, nesse momento que olhava para o rio Acre era levada ao seu lar, era como se “eu estivesse olhando para o rio Muru, no seringal onde nasci, Novo Porto, perto do Jordão, no Acre, e se sentisse em casa, no meu lugar, onde era feliz e sentia paz”²⁵.



Fonte: Banco de dados do autor.

Figura 1. Contemplação do rio Acre na capital acreana.

Ora, o rio Acre, com suas águas barrentas, o som de sua correnteza, com seus barrancos floridos pelo verde da mata a levava às águas do Muru, a fez viajar quilômetros, concebendo a ela se sentir no aconchego do lugar apenas ouvindo e olhando para ali.

Além disso, manifesta-se seu modo de vida no seringal, da criação de animais, do andar pela mata, no mover-se de barco, o gosto da comida de caça, ou seja, emerge o modo de vida do ser, de sua subsistência, a qual tinha ali, um bem viver, que fora acessado pela natureza da cidade.

O ser ordinário emerge dessa relação afetiva que a transfere para seu lugar, momento de fuga. Assim, podemos notar essas resistências na Figura 2.



Fonte: Ascom- UFAC.

Figura 2. Pessoas reunidas no calçadão da Gameleira-Acre.

A imagem elucida bem essas “fugas” do ser amazônico. Nela são observadas várias pessoas à beira rio, mais precisamente, no Calçadão da Gameleira, localizado em Rio Branco-Acre, às margens do rio Acre. As pessoas encontram sossego, encontram paz ao olhar às águas barrentas em movimento, ao resistir e/ou fugir da sociedade de desempenho, provocando tensões e, por consequência, rupturas.

Exemplo disso é o depoimento de uma dessas pessoas, a professora de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Educação do Acre, Rilane Fernandes, de 45 anos, nascida na estrada de Boca do Acre, BR 317, km 58, rodovia que liga os estados do Acre e Amazonas. De acordo com ela, logo após sair da aula, no período vespertino, sempre vai sentar na beirada do rio e ver os movimentos de suas águas. “Gosto da paz que a água me transmite, até mesmo andar no rio sinto tranquilidade, uma alegria inexplicável [...] Quando estou cansada ou estressada, olhar para a água me acalma. Não trocaria esse lugar por nenhum outro”⁶.

Muitas pessoas vão, a cada dia, se transmutando, ganhando consciência que tudo o que tem já é motivo de felicidade, que não precisam de mais, de enriquecer, da ganância. Que são felizes com o que fazem, se aceitam do jeito que são, que é o essencial para viver, não meramente; da natureza se nutrem, se tornam parte dela, palco fértil para o desenvolvimento e/ou florescimento de um bem viver, visto que, “o espaço, o grande espaço, é amigo do ser, portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia-a-dia (sic), num ‘canto do mundo’” (BACHELARD, 1993, p. 211).

Esse espaço que Bachelard cita acima se refere a um espaço vivido que só pode existir a partir do ser em ação que, para Heidegger (2015), é onde o ser-aí é lançado para efetivar-se como um ser-no-mundo. Logo, esse espaço vai ganhando uma conotação, o que chamamos de lugar. Ele é aquele em que o indivíduo se “encontra ambientado, no qual está integrado. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 37), pois “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 14).

O ser só pode exteriorizar seu mundo pela sua relação com a natureza e com o outro que coabita com ele. É dessa relação que emerge uma tonalidade afetiva, um viver bem que enfrenta as invenções amazônicas a partir do outro, haja vista que “a realidade geográfica [...], a ‘geografia’ permanece, habitualmente, discreta, **mais vivida que exprimida**” (DARDEL, 2011, p. 34), com grifo nosso. Deste modo, Dardel nos embasa para enfatizar que a figura da Amazônia terá, apenas, uma nuance de realidade através do próprio homem em sua existência. E essa será a terra fértil para florescer um bem viver que vai de encontro às outras ideações de fora desse espaço, fazendo surgir uma invenção de dentro.

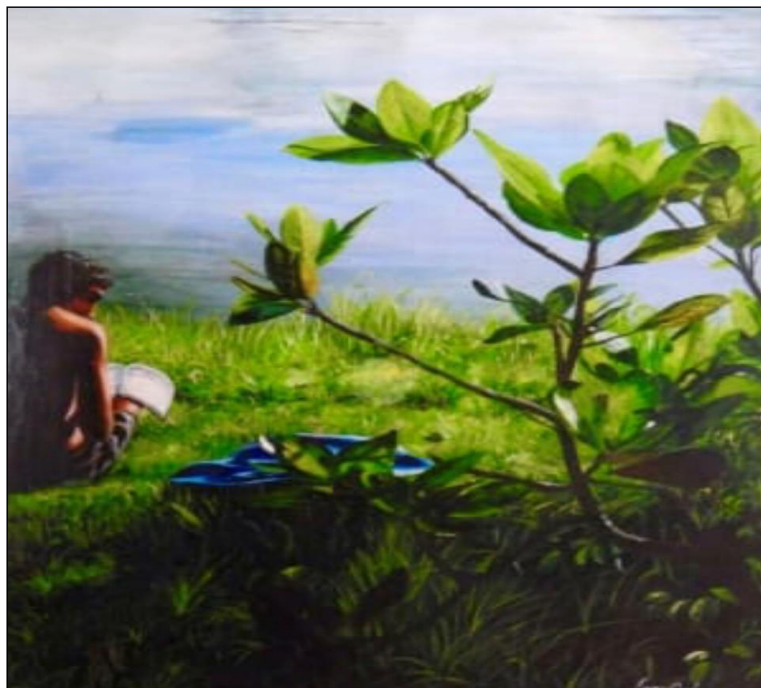
O bem viver ainda é um processo, é um conceito ainda em construção, cremos, que seja uma contínua criação em meios aos acontecimentos e rupturas históricas. Nesse bojo, ele também incorpora a contemplação. As imagens de lugares, como o por do sol (conforme Figura 3), o céu estrelado, as matas, rios, a arte visual (*vide* Figura 4) e tantos outros cenários esplendorosos que as Amazônia oferecem ao observador.

Nesse sentido, pelas falas do ser amazônico, seus modos de vida, seus sorrisos, seus lugares múltiplos, essas experiências saltam aos olhos de outras pessoas, uma vez que, para Tuan (1986), existe um brilho de reconhecimento no olho do outro, que não nos deve surpreender. Esse brilho pode ser visto e refletido por meio dessas ilustrações da paisagem humana, ou da arte, em conformidade com as Figuras 3 e 4.



Fonte: Denilson Almeida, 2020.

Figura 3. Por do sol em Xapuri-Acre.



Fonte: Artista plástico Leandro Costa, 2016.

Figura 4. Arte visual de um menino à beira do açude.

A arte visual é uma enunciação carregada de vivência do ser e o ambiente, do seu contexto geográfico e histórico, destarte, é também ideológica, conforme Bakhtin já dizia, “um instrumento [ou imagem] pode ser convertido em signo ideológico” (BAKHTIN, 1995, p. 32). Ele faz referência ao caso da foice e do martelo como emblema da bandeira da União Soviética, visto que “a foice e o martelo possuem, um sentido puramente ideológico” (BAKHTIN, 1995, p. 32).

A tela vem até nossos olhos curiosos, nossa imaginação sedenta com ressonância de um terreno vivido pelo artista. Podemos observar um menino à beira de um açude ou igarapé, sentado sobre o capim, com os pés descalços, com um livro nas mãos, sem blusa, vestido apenas com um calção, fazendo nos transportar a um cenário que o envolve, uma paisagem comum da/na Amazônia, assim como o lindo pôr-do-sol (Figura 3).

Mergulhos alternados com a leitura para afugentar o calor do sol que queima a pele em brasa e, ao mesmo tempo, o prazer de viajar por outros mundos através da apreensão, de flutuar pelas águas que lavam muito além do corpo, banham a alma. Dão sentindo e ânimo num prazer que se relaciona com essa natureza. Ao entardecer, o vento mais frio prenuncia o anoitecer e ele sente o sol dizer-lhe: “até breve!”. Os animais que cantam ao seu redor, a natureza o abraça e ele se sente aconchegado, protegido, parte dela. Desprendido de preocupação, de um mundo legislado pelo capital. Sente-se feliz com esse mundo que o circunda, faz parte dele, o concebe sorrir, é seu.

O lugar é contemplativo e relacional ao ser, logo, assim como essas ilustrações, a poesia também transita, imana para o outro, a partir dessas experiências, o transmuta para um viver bem, um gozo, uma experimentação através da imaginação empática que o guia.

Para aclararmos isso, recorreremos aos dizeres poéticos do amazonense Thiago de Mello.

O animal da floresta

De madeira lilás (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e porque abriga
em seu âmago a morte que o ameaça.
Madeira dói?,
No crepúsculo estou da ribanceira
entre as estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras.
Já não faz mal que doa
meu bravo coração de água e madeira⁷.

O poema acima transcrito nos mostra a relação de imbricação, embrionária entre ser e natureza, quando o poeta declama “da Madeira lilás, (ninguém me crê) se fez meu coração”, harmoniza com a afirmativa de Dardel (2011, p. 112), “em que o terrestre e o humano se ajustam a uma medida original”. Mello, também, caminha pela linha de frente da resistência, do embate do *bien vivir*, quando denuncia e convoca o ser para uma conscientização que a modernidade destrutiva e exploratória ameaça a natureza amazônica, quando afirma que a “espécie escassa de cedro, pela cor e porque abriga em seu âmago a morte que o ameaça”.

Além disso, o poeta nos conduz pelo imaginário empático que suscita sua experiência ao nosso pensar, sentir. É como se fechássemos os olhos, e fôssemos transfigurados dentro de seus ecos como um bem viver acessível a ele e, através dele, a nós, quando tece “pergunta quem me vê os braços verdes, os olhos cheios de asas. Por mim responde a luz do amanhecer que recobre de escamas esmaltadas as águas densas que me deram raça e cantam nas raízes do meu ser”. Haja vista que “a experiência pode [...] ter a mais ampla ressonância, como os poetas têm mostrado” (TUAN, 1986, p. 7).

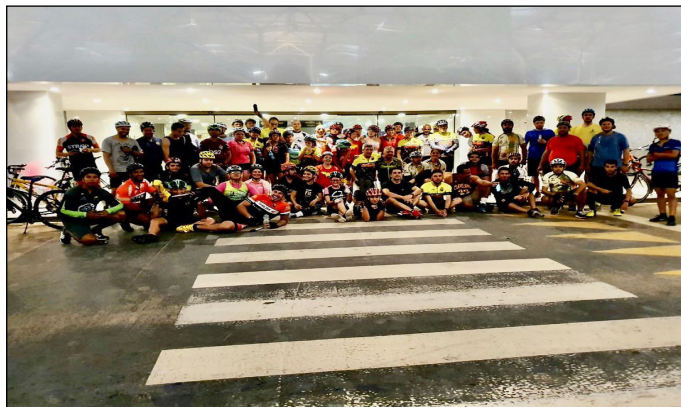
É justamente do ser lançado à natureza, que a vive, que reluz a ele uma espécie de revelador das práticas sociais, que passa a ser a referência central”, que repousa o bem viver. Pois, entender em qual condição vivem homens e mulheres da Amazônia “não pode ser pretendido apenas sob o olhar de dados, números, mapas, catalogação de espécies. Há algo subjetivo e muito maior que se dá no interior dos habitantes tradicionais” (MARQUES, 2010, p. 80).

Além das fugas, das aversões, das imagens e/ou da natureza que se apresenta ao sujeito, do sentido e sentimento de lugar, das lembranças, das transformações em seu ser, sua empatia, etc, que concebem o bem viver se presentificar na cidade, há outros modos para sua aparição através dos grupos que são formados com o interesse de se integrar (CÉSAR; CINCOTTO JUNIOR; OLIVEIRA, 2018).

Os quais provocam relações dos sujeitos consigo mesmos, e com o mundo urbano, através de um coletivo que defende ou realize espécies de projetos ambientais, como revitalização de praças, nascentes; turmas de ciclistas ou de caminhadas à observação, sensação de interagir andando pela localidade, etc., buscando “direcionar o olhar para a cidade não ficcional, sem descuidar do lúdico; miram a cidade real, suas contradições e segregados socioeconômicas e espaciais” (CÉSAR; CINCOTTO JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p. 45). Para os autores esses são exemplos de bem viver.

Nas cidades amazônicas há diversos desses grupos que poderíamos citar. Os das *bikes*, como a *Equipe Capivara* em Rio Branco-AC, que faz pedal pelas lugaridades da urbe do Acre, ou os Moto clubes da Amazônia, como os *Abutres 1%*, que constitui o mesmo passeio pelas cidades amazônicas, trabalho social, entre outros (Figuras 5 a 7), embora,

nossas aspirações de bem viver não estão centradas nestes. Entretanto, trouxemos algumas imagens com o intuito de elucidarmos vocês, leitores, além de embasarmos nossas tessituras.



Fonte: Grupo da Equipe Capivara.

Figura 5. Passeio até o Aeroporto Internacional Plácido de Castro, Rio Branco.



Fonte: Página dos Abutres 1%.

Figura 6. Reunião dos Motoclubes Abutres da região Norte.



Fonte: Página dos Abutres 1%.

Figura 7. Trabalho Social nos bairros.

Vale lembrar que o bem viver, segundo Acosta, “não pode excluir possíveis contribuições da vida comunitária não indígena dentro dos próprios sistemas de dominação dominantes de uma colonização que já dura mais de quinhentos anos” (ACOSTA, 2016, p. 77).

EMPATIA: CAMINHO PARA O BEM VIVER

É importante, nesse momento, destacarmos e elucidarmos um elemento crucial que ganha notoriedade nos estudos sobre bem viver, que é a questão da empatia, do seu desenvolvimento; da transformação até a transfiguração do sujeito em ser pensante da alteridade na praticidade do dia a dia.

Para Tuan (1986); César, Cincotto Junior e Oliveira (2018); Rifkin (2012); Acosta (2016) no ser, a imaginação empática ou empatia se dará de forma sempre relacional dentro da existencialidade dele que, é um ser-aí lançado num mundo circundante (HEIDEGGER, 2015), ou seja, numa relação com a natureza e com o outro, pois é “ela (empatia) que nos religa com a comunidade, à humanidade, às outras espécies, à biosfera” (CÉSAR; CINCOTTO JUNIOR; OLIVEIRA, 2018, p.43); que “é uma consciência vivida de ser tanto um ‘eu’ particular quanto um ‘eu’ com o universo”, acrescenta Tuan (1986, p. 18).

Byung-Chul Han (2017) endossa o coro nesse relacional humano que precisa de alteridade para se libertar das amarras narcisistas do consumismo, do mundo capital que é capaz por meio do *eros*.

O sujeito (narcisista) mergulha e se afoga em si mesmo. O *eros*, ao contrário, possibilita uma experiência do outro em sua alteridade, que resgata de seu inferno narcisista. Ele dá curso a uma degeneração espontânea do si mesmo, um esvaziamento voluntário de si. (HAN, 2017, p. 11).

Nesse mundo de esvaziamento, nos advêm os sentimentos, o erotismo, as paixões, que são esse *eros* numa “relação com o outro, que se radica para além do desempenho e do poder” (HAN, 2017, p. 25), que se dão num espaço vivido como experiência do amor, do erotismo e que farão desse um lugar de memória, de um bem viver. Assim como enfatiza Maturana (1997, p. 185) “a socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre”.

Podemos observar e/ou propor, de tal modo, um diálogo entre Han e Tuan, já que, para este último, “a memória do bem viver é necessariamente preenchida com imagens do contato humano - erótico, afetivo, cortês e intelectual” (TUAN, 1986, p. 17). Esse contato, ou experiência, pode ser do outro, ou até mesmo nossa, a partir dessa relação que o bem viver se constitui no sentir-se por ele e por mim enquanto imaginado, pensando.

Logo, esse amor, o erotismo se torna uma subversão e rompe os discursos do capital baseado num falso desenvolvimento, na exploração da natureza, ou em outros micropoderes que aprisionam o ser da cidade. O erotismo apresenta esse espaço como acontecimento de sua experiência de bem viver e, logo, a partir desse bem viver em sua localidade como campo de suas realizações e afetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando de tal modo, percebemos emergir na cidade esse bem viver. Pois, a urbe urge, serena e profana, entre risos e prantos estranha e encanta. Na urbe arde sedenta,

sangra, na madrugada fria, queima e insana. As luzes acesas, frenesi em todo lugar, de repente o silêncio rompe, e a escuridão cai a abrigar os enamorados que se afagam, olhos cheios de ternura a se fitar, os abraços que se entrelaçam na urbe a se amar. Ela inflama, instiga e atemoriza, entre amores e paixões, a urbe ganha vida.

Nesse ganhar vida e no despertar do amor, dos abraços acalorados, dos olhos a se fitar, do sentir-se incendiando, o ser amazônico desperta em bem viver e com isso vai se despreendendo dos discursos frívolos que ressoam efigies estereotipadas, onde esse sujeito estava destinado a não se realizar e nada produzir, não ter cultura, não ser feliz, não ter harmonia, preso num inferno verde, atrasado, isolado.

Esse espaço de vivência, aqui em destaque a cidade, e de todas as experiências de alteridade, empatia, do amor e dos lugares da memória que essa despertou em muitos homens e mulheres da Amazônia, sente-se o bem viver.

É nela que esses seres amam, são felizes, se realizam, mantêm suas afetividades consigo, com o outro e com seu lugar, rompendo com «o inferno do igual, que vai igualando» (HAN, 2017, p. 8), (homogeneizando)⁸, cada vez mais a sociedade e o espaço amazônico; indo ao embate dessas visões distorcidas do outro, exógenas, fazendo, desta forma, ecoar suas próprias lutas, resistências, experiências, invenções, seus efeitos de verdade a partir de um espaço vivido, de um bem viver que contrasta os outros discursos de representação da Amazônia.

NOTAS

5 Relatos e/ou depoimentos do Banco de Dados do autor, coletados entre os anos 2017 e 2020.

6 Relato e/ou depoimento do Banco de Dados do autor, coletados entre os anos 2017 e 2020.

7 Poesia de Amadeu Thiago de Mello. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#ani>. Acesso em: 14 abr 2020.

8 Han (2017) faz alusão ao inferno do igual ao eu narcisista fruto de uma sociedade consumista para fazer referência aos outros - de fora -. Logo, apropriando-se do autor, vemos esse eu narcisista de outro lugar que inventa e reinventa a Amazônia a todo instante recorrendo ao seu lugar, as suas ideologias, ao que é vinculado erroneamente pelas mídias, pelos memes, por um espaço imaginado sem vivenciá-lo, sem experimentá-lo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária: Elefante, 2016.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAR, V. A. B. S. S.; CINCOTTO JUNIOR, S.; OLIVEIRA, V. M. Cidades afetivas: uma via ecológica para o bem-viver. **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais E-metropolis**. ano 9, n. 32, p. 40-48. 2018. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/243/original/emetropolis32_art3.pdf?1522280850. Acessado em: 10 abr. 2020.

COSTA, F. R.; ROCHA, M. Geografia: conceitos e paradigmas: apontamentos preliminares. **Rev. GEOMAE Campo Mourão, PR**, v. 1, n. 2, p. 25-56, 2010. Disponível em: http://www.fecilcam.br/revista/index.php/geomae/article/viewFile/12/pdf_7. Acesso

em: 02 abr. 2020.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HAN, B. C. **Agonia do eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

IBÁÑEZ, M. R. Buen vivir nas cidades. *In*: BARROS, J.; GUTTERRES, A.; SILVA, E.B. (orgs.). **Território de utopia: resistências aos impactos dos projetos de desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: FASE, 2015.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Editora CEJUP, 2001.

MARANDOLA JUNIOR, E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/7733/5448>. Acesso em: 10 maio 2020.

MARQUES, M. A. **Literatura e geografia: a poética do lugar em Thiago de Mello**. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, PPGG/UNIR. Porto Velho-RO. Disponível em: https://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/837/1/Marcos%20A.%20Marques_Literatura%20e%20Geografia.pdf. Acessado em: 08 maio 2020.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1997.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

RIFKIN, J. **A terceira revolução industrial: como o poder lateral está transformando a energia, economia e mundo**. São Paulo: M. Books, 2012.

SILVA, A.L.; SILVA, D.J. Governo, subjetividade e resistência: Foucault e Certeau. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2., 2016, Franca. **Anais [...]**. Franca: UNESP, 2016. p. 1-15. Disponível em: https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/iisippedes2016/artigo_-governo_subjetividade-e-resistencia_foucault.pdf. Acesso em: 02 abr. 2020.

TUAN, Y. F. **The good life**. Madison: The University of Wisconsin, 1986.